

# O CAMPO SEMÂNTICO DOS «VERBOS DE LUZ» EM PORTUGUÊS

Jenny BRUMME  
Universitat Pompeu Fabra  
Facultat de Traducció i Interpretació

*Gostaria de dedicar este trabalho à Evelina e ao Telmo Verdelho*

## 1. O CAMPO SEMÂNTICO DOS «VERBOS DE LUZ». HIPÓTESE DE TRABALHO

No presente estudo propômo-nos analisar o campo semântico coberto pelo verbo *brilhar* em português. O nosso interesse explica-se, no entanto, através dum objectivo mais geral, isto é, a descrição das diferenças que percebemos na estruturação deste campo nas diferentes línguas românicas, de um lado, e no alemão, do outro. As nossas primeiras análises realizadas, quer a partir de corpora textuais informatizados (Alsina / Brumme 2001; Brumme 2002, 2000b), quer a partir de traduções (Brumme 2000a) corroboram a seguinte hipótese que precisa ser aprofundada com estudos mais detalhadas para cada uma das línguas em questão: enquanto nas línguas românicas o campo parece ser coberto por um número relativamente reduzido de lexemas (por ex., *brilhar*, *luzir*, *reluzir*, *resplandecer*, em português), que, além disso, apresentam uma determinada quantidade de sinónimos, em alemão é dividido em muitas fracções claramente diferenciadas e com menos sinonímia. Entende-se o nosso estudo não só como contribuição para a descrição contrastiva das línguas, que pode ter aplicação na tradução ou na lexicografia bilingüe, mas também para um futuro dicionário português de ideias afins e a distinção mais exacta dos sinónimos na lexicografia monolingüe portuguesa.

## 2. FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Em princípio, baseamo-nos no conceito de campo semântico da linguística estruturalista tal como o definiu Coseriu (1986: 147) e tal como o utilizaram outros membros desta escola, como Geckeler (1984: 232). Segundo o método estruturalista, os membros do campo compartilham um ou mais traços básicos, que determinam a inclusão no campo, e, ao mesmo tempo,

delimitam-se entre si através doutros traços binários que se encontram em oposição, que, por sua vez, se verifica por meio da prova de comutação. Esta teoria não deixa de apresentar alguns problemas que motivaram críticas de diversos sectores. Um dos inconvenientes da teoria do campo semântico, tal como foi concebida pela escola estruturalista, é justamente esta delimitação tão clara e nítida entre os diversos lexemas que compõem o campo, quando as investigações posteriores demonstraram que as palavras não apresentam limites tão precisos: a formulação de Rosch (1978) da teoria dos protótipos, teoria que veio a constituir um dos pilares da linguística cognitiva, demonstra que os conceitos, tal como os concebe a mente humana, não apresentam efectivamente limites claramente definidos, mas sim um núcleo conceitual claro com limites vagos (*fuzzy*). Acreditamos, porém, que se podem usar os contributos da linguística mais recente para ajustar o conceito de campo semântico sem termos de rejeitá-lo ou revê-lo completamente: assim, o conjunto de traços que compõe cada um dos lexemas de um campo pode-se compreender como a sua «definição prototípica», facto que não excluiria a possibilidade de acepções «periféricas» que não se ajustariam exactamente ao conceito do campo semântico acima mencionado. Por outro lado, Lutzeier apresentou diversas propostas, como a introdução de um marco semântico comum que se chamaria «aspecto» (*Aspekt*) (1992: 70; 1985: 121). Tomamos também em consideração o contributo de Schwarze (1985; 1996), que propõe complementar com uma componente sintáctica a análise semântica (as valências do verbo).

Também são de grande interesse as abordagens onomasiológicas como a apresentada por Vernay no seu *Dictionnaire onomasiologique des langues romanes* (DOLR 1991-1996), onde não se tomou em consideração o campo semântico estudado no presente trabalho.

### 3. OBJECTIVO E RESULTADOS DE ESTUDOS ANTERIORES

Dos estudos anteriormente realizados para o francês, espanhol e catalão, no caso das línguas românicas, e para o alemão (cf. Le Clerc 1996; 1998; Alsina / Brumme 2001; Brumme 2002, 2000a), obtivemos os seguintes resultados: de um lado, situa-se a área ibero-românica (espanhol, catalão), com um lexema fundamental, BRILHAR, que actua como arquilexema, e com um reduzido número de lexemas que apresentam mais algum traço e que têm um certo número de sinónimos; do outro lado, a área germânica, sem lexema fundamental e com um certo número de lexemas, cada um com algum traço claramente distintivo. O francês, pela centralidade de *briller* e pelo menor número de classemas, situa-se entre as línguas românicas e o alemão. Como constatámos no primeiro estudo efectuado (cf. Alsina / Brumme 2001), é útil introduzir, neste ponto, a teoria da linguística cognitiva segundo a qual existem três níveis para denominar as coisas: o superordenado, o básico e o subordinado (que, por exemplo, no campo da fruta, estariam representados por «fruta», «maçã» e «golden», respectivamente); o básico é o mais importante cognitivamente, o mais rico e eficaz, e seria a esse que pertenceria *brilhar*, enquanto que no alemão, embora seja mais difícil determinar quais lexemas se achariam no nível básico, parece haver um número mais elevado que nas línguas românicas.

Combinando o método estruturalista com os contributos da linguística cognitiva, Le Clerc chegou a determinar o núcleo do campo dos «verbos de luz» em francês. No centro situam-se três verbos que recebem a seguinte descrição prototípica:

x brille — x donne une lumière vive comme un diamant.  
 x reluit — x renvoie une lumière intense comme une surface polie.  
 x rayonne — x donne des traits de lumière abondants (Le Clerc 1998: 227).<sup>1</sup>

Situam-se mais longe do centro, num segundo círculo, os verbos *luire*, *miroïter*, *resplendir*, *s'illuminer*, *étinceler* et *rutiler*. Na periferia, encontram-se *papilloter*, *chatoyer*, *réverbérer*, *irradier*, *s'éclairer*, *s'assombrir*, *éclater*, *brasiller*, *scintiller*, *poudroyer*, *flamboyer* (Le Clerc 1998: 210).

A reconstrução dos traços delimitadores é extremamente importante para que posteriormente se possam comparar as línguas entre si. Embora tenhamos realizado, primeiro, uma análise independente para cada uma das línguas, já estabelecemos bases comuns de análise que se poderão aplicar a todas e que servirão, na fase final, de *tertium comparationis*.

#### 4. MÉTODO E BASES DE ANÁLISE

Como já assinalámos, baseamos-nos, em princípio, no conceito de campo semântico da linguística estruturalista (Coseriu 1986: 147; Geckeler 1984: 232) ajustando-o, em alguns aspectos, às necessidades duma análise aprofundada, com a ajuda da teoria do protótipo.

Antes de começar queríamos retomar as «distinções preliminares» que estabelece a linguística estruturalista (Coseriu 1966: 181-210; cf. também Geckeler 1971: 179-191), uma vez que formam a base do estudo que se declara decididamente intralinguístico (Dupuy-Engelhardt 1998: 2). Trata-se, portanto, de delimitar os factos e estruturas extralinguísticas (as «coisas») e os factos e estruturas intralinguísticas (as «palavras»),<sup>2</sup> a «linguagem primária» e a «metalinguagem» e o «significado» (relação semântica entre os signos) e a «designação» (relação entre signo e objecto ou referente). Além disso, o método estruturalista requer tomar em consideração as quatro observações restantes: não misturar diacronia e sincronia, dissociar as «técnicas do discurso» e o «discurso repetido», distinguir entre uma «língua histórica» (um diasistema; «arquitectura») e uma «língua funcional» (um sinsistema; «estrutura»), entre o *sistema* duma língua onde se situam os significados e o *tipus*, nível superior, e a *norma* e o *discurso*, nos níveis inferiores.

Para podermos efectuar o nosso estudo e reduzir a quantidade dos lexemas a estudar, adoptámos, porém, algumas restrições: escolher a «língua funcional» não implica forçosamente optar, na linha de Geckeler (1971: 211), pela língua comum, isto é, a prosa cuidada de um estilo médio. Concentrámos, no entanto, o nosso estudo na língua literária, que não coincide com a «língua funcional», pois contém elementos diatópicos, diastráticos, diafásicos e

1. Le Clerc explica: «La cohérence du centre de champ sémantique est mise en relief par le fait que *briller*, *reluire* et *rayonner* constituent une moyenne empirique de variations autour du 'thème' de la *visibilité d'une lumière*. Quant à l'axe de continuité qui spécifie l'essence, *briller* représente le centre de cette gamme avec la désignation d'une émission continue avec des faibles interruptions; *reluire* désigne une émission plus continue et régulière, *rayonner* une émission qui a tendance à être clignotante. A ces variations s'ajoutent l'accent sur l'extension spatiale et les traits de lumière chez *rayonner*, la connotation négative d'une haute intensité lumineuse chez *reluire* et la réflexion vive à tendance transformative chez *briller*» (Le Clerc 1998: 227).

2. Esta distinção é importante, uma vez que tentamos descrever um léxico que não tem um referente extralinguístico bem delimitado, mas trata-se de «un domaine à référent extralinguistique flou» (Dupuy-Engelhardt 1998: 4-7). Justifica-se assim, mais uma vez, a abordagem claramente intralinguística de opôr as unidades lexicais entre contextos semânticos similares para diferenciá-las e estabelecer os seus traços distintivos.

diacrónicos. É preciso acrescentar que esta opção fez com que os elementos diafásicos, ou seja, um estilo altamente elaborado («supra-estrato») aumentassem notavelmente.

Contudo, procurámos, desde o início, um corpus literário, porque se trata de um conjunto de verbos pouco frequentes na língua comum<sup>3</sup> e tínhamos, portanto, consciência que são os textos literários que melhor documentam os usos e as acepções referenciadas pela lexicografia. Além disso, comprovámos rapidamente que entre os corpora facilmente acessíveis, ou seja, alguns corpora da imprensa em português, está documentado apenas o verbo *brilhar* e muitas vezes só em sentidos figurados.

Além disso, a análise baseada num corpus não só tem como objectivo estabelecer as oposições e detectar os traços distintivos, mas permitirá também observar o aumento de traços suplementares ou, pelo contrário, a neutralização de traços que se produzem nos níveis da norma e do discurso (cf. Depuy-Engelhardt 1998: 9 e 19). O objectivo final é, por conseguinte, descrever os sememas abstraídos dos usos mais específicos, os alosememas (Wotjak 1993: 123, cit. apud Depuy-Engelhardt 1998: 19).

Quanto à distinção entre «linguagem primária» e «linguagem secundária» que requer tomar em consideração a linguística estrutural (Geckeler 1971: 184) queríamos precisar aqui que, uma vez desfeito o mal-entendido desta premissa (cf. Depuy-Engelhardt 1998: 10), incluímos na nossa análise também os verbos prefixados como *reluzir*, *rebrilhar*, em português, ou *a străluci*, *a străfulgera*, em romeno.

Apesar do campo ser composto por todas as classes de palavras, limitamo-nos aos verbos intransitivos, delimitação que nos serve também de classema.<sup>4</sup> Das análises anteriores surgiu outro classema segundo do qual trazemos uma distinção entre «fonte de luz» ('luz natural' / 'luz artificial') e «luz reflectida». Também parecia necessário introduzir as dimensões «movimento» ('intermitentemente', 'tremulamente', etc.), «forma» ('com raios de luz', etc.) e «intensidade» ('com luz destacada', 'com grande esplendor', etc.).

O método seguido para a análise foi o seguinte: numa primeira etapa baseámo-nos nas definições de dicionários para chegarmos a um esquema provisório dos traços distintivos que compõem o campo semântico. Em segundo lugar, queríamos consultar, como no caso dos estudos anteriores,<sup>5</sup> corpora textuais informatizados e acessíveis através da Internet para comprovar a validade desta primeira análise, ajustar os resultados e tentar resolver as dúvidas suscitadas pela informação proporcionada pelos dicionários. Descobrimos, então, o *Corpus de Referência do Português Contemporâneo*, disponível no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa que nos proporcionou o material suficientemente detalhado para podermos empreender um primeiro estudo.

3. Le Clerc afirma igualmente: «Notre champ d'investigation est constitué par un ensemble très littéraire de 25 verbes français; aussi ne trouvera-t-on pas leurs occurrences régulièrement dans le langage courant et parlé, mais plutôt dans les textes écrits» (1998: 210).

4. Baseamo-nos na nomenclatura e conceitos usados por Coseriu e desenvolvidos por Geckeler: «Una unidad cuyo contenido es idéntico al contenido común de dos o más unidades de un campo (o de todo un campo léxico) es un *archilexema*» (Coseriu 1986: 171; cf. também Geckeler 1984: 297-298); classema: «un rasgo distintivo que funciona en toda una categoría verbal («parte de la oración») —o, al menos, en una clase determinada ya por otro clasema dentro de una categoría verbal— y, en principio, independientemente de los campos léxicos» (Coseriu 1986, 175; cf. Geckeler 1984, 300-301); «Entendemos por dimensión un «punto de vista de articulación» (H. Schwarz), que actúa en un campo léxico y que constituye, por así decirlo, la escala para las oposiciones entre determinados lexemas de este campo» (Geckeler 1984, 298).

5. Para o francês usámos a base de dados FRANTEXT, para o espanhol, o CREA da Real Academia Española, para catalão, o Corpus de l'Institut d'Estudis Catalans e, para o alemão, o Mannheimer Korpus do Institut für Deutsche Sprache.

5. O CAMPO SEMÂNTICO EM PORTUGUÊS<sup>6</sup>

A primeira análise, ou seja, a consulta de dicionários, dá-nos como resultado o quadro seguinte:

	S1	S2	S3	S4	S5	S6	S7
brilhar (A)	+ <sup>7</sup>	+	-	0	-	-	-
cintilar (B)	+	+	-	-	-	+	+
faiscar (C)	+	-	-	-	+	+	-
espelhar	+	+	-	-	-	+	-
luzir	+	0	-/+	0	-	-	-
relampaguear (D)	+	0	+	+	-	+	-
reluzir	+	+	+	+	-	-	-
resplandecer (E)	+	0	+	+	-	-	-

S1 = emitir luz

S2 = reflectir a luz

S3 = com grande esplendor

S4 = com raios de luz

S5 = com faíscas

S6 = com uma série de mudanças no brilho

S7 = com movimento trémulo, agitado

Sinónimos, variantes regionais ou ortográficas:

A = chamejar

B = centelhar, cintilhar, scintilar

C = chispar

D = coriscar, coruscar // fulgir, fulgurar, fulminar, fuzilar // relampaguear, relampar, relampear, relampejar, relamprar, etc.

E = esplandecer, esplendor, etc. // rebrilhar, relumbrar, rutilar

Como indica o quadro sinóptico, os verbos de luz formam um conjunto, cujo centro é formado provavelmente pelos mesmos verbos que em francês. Por isso, começámos a análise pelos pares mínimos de lexemas que estabelece Le Clerc (*briller - luire, reluire - resplendir, étinceler - scintiller*), ou seja, *brilhar - luzir, reluzir - resplandecer e faiscar - cintilar*,<sup>8</sup> estes últimos com o propósito de diferenciá-los entre si.

6. Referimos-nos só ao português de Portugal.

7. Os símbolos significam: + traço pertinente, - traço não pertinente, 0 o verbo comporta-se de maneira indiferente quanto a este traço.

8. Sabemos que a oposição teria de ser estabelecida entre *faiscar - chispar - centelhar / cintilar*, mas começamos, por analogia com os estudos realizados para o francês, com a de *faiscar - cintilar*, uma vez que nos interessava a comparação das duas línguas. Porém, é necessário acrescentar que a representação de *chispar* no corpus é muito baixa.

### 5.1. *Problemas da descrição nos dicionários*

Quanto a estes pares, na primeira aproximação à análise do campo, isto é, na consulta dos dicionários, já surgem alguns problemas, como por exemplo o facto do lexema *luzir* apresentar uma definição ambígua na maioria dos casos, pois é sinónimo, tanto de *brilhar*, como de *resplandecer* ou *reluzir*, os quais, por sua vez, não são definidos como sinónimos:

«brilhar muito», Bluteau, Porto-Editora;  
 «brilhar intensamente», Machado, DLP;  
 «Luzir com extraordinário brilho», Machado;  
 «brilhar, luzir muito», Aurélio.

Apenas o GDLP distingue *luzir*, *reluzir* e *brilhar*, indicando os sinónimos: «Luzir é dar luz; reluzir é reflectir a luz; e brilhar é lançar ou reflectir uma luz muito viva e cintilante». O procedimento lexicográfico normal é, não obstante, o de recorrer a uma definição circular com a qual não resulta nada fácil reconstruir os traços distintivos, quer sejam estabelecidos com base em oposições binárias, quer sejam a partir de um centro prototípico.

Os verbos *faiscar*, apresentado como sinónimo de *chispar* pelos dicionários («lançar faíscas», Silva Moraes; «lançar chispas ou faíscas», Machado) e *cintilar*, cuja definição já preocupou Bluteau, apresentam também um especial interesse. Relativamente à entrada *scintilar*, afirma que teria que se distinguir estes dois verbos:

porque Faisca he aquelle átomo igneo, ou particula volatil de fogo, que se sepára, ou da pederneyra, ferida com fuzil, ou da braza, ou candeia, quando espirra. Mas Scintila não he particula separada, & desatada do corpo luminoso, como se vê nas Estrellas, das quaes he propria a scintilação (Bluteau 1712-21: 526).

E continua dizendo «que na lingua Portugueza *Faisca*, & *Scintila*, não podem sempre ser synonymos»:

Scintilação não he outra cousa, que hũa interrupta, & tremula emanação, ou ejaculação, & vibração da luz, sem diminuição algũa da substancia do corpo luminoso; o que pelo contrario succede nos corpos, que lançando faíscas, perdem insensivelmente hũas pequenas partes da materia ignea, que nelles se encerrava (Bluteau 1712-21:526).

### 5.2. *O comportamento sintáctico dos verbos de luz*

Como é possível ver em Bluteau, os dicionários, apesar de fornecerem definições circulares, dão algumas pistas sobre o uso através dos exemplos para melhor explicar o fenómeno descrito. Por isso, reuniremos as características que se associam, segundo os dicionários, com estes verbos, prestando atenção ao comportamento sintáctico, ou seja, às valências, especialmente os *actantes* (suplementos imprescindíveis) e *circunstantes* (suplemento prescindível, livre) (*actant et constant*; Tesnière; cf. Le Clerc 1996: 65-66). Segundo Le Clerc, os seis verbos franceses que nos interessam têm uma única valência (na terminologia tradicional, intransitivo) que é o primeiro actante (na terminologia tradicional, o sujeito) e não precisam nem de adverbiais nem de complementos (Le Clerc 1996: 67).

Como já mostrámos para o espanhol (Brumme 2002), a situação muda sensivelmente com o verbo *lucir*, que é polissémico e que depende dos usos transitivo (por ex., «Tiendas y alma-

cenas *lucían* paredes recién pintadas»), intransitivo (por ex., «El reloj *luc*e mucho en aquella pared»), predicativo («A pesar de sus sufrimientos *luc*e más joven que en la boda») ou pronominal (por ex., «Los alumnos *se lucieron* ante el inspector»). Um bom panorama dos usos dá o DEA, ao indicar também as frequências, apresentando-lo, no entanto, fundamentalmente como verbo intransitivo e só no final do parágrafo aparecem os seus usos predicativo, pronominal e transitivo. No entanto, comprovámos, a partir de um corpus extraído do CREA, que a frequência do uso transitivo é muito maior que os outros (Brumme 2002). Lara (1996) tem, portanto, toda a razão ao redistribuir as acepções; a baixa frequência de *luzir* como verbo de luz no corpus do espanhol americano (por ex., «El Sol *lucía* muy alto»)⁹ justifica também que esteja no final da entrada.

Quanto ao português, centrar-nos-emos nos dicionários de Silva (GDLP), Machado e Aurélio que oferecem informação mais detalhada sobre uso e comportamento sintático dos verbos *brilhar* - *luzir*, *reluzir* - *resplandecer* e *faiscar* - *chispar* - *centelhar* / *cintilar*. Além do uso intransitivo, os verbos *chispar*, *faiscar*, *luzir* e *resplandecer* receberam, no GDLP, uma entrada separada como verbos transitivos:

**Chispar**<sup>2</sup>, v. t. Lançar de si (fogo, lume, etc.): «as pupilas do juiz *chispavam* lume»; «João Falcão fazia *chispar* ao sol a sua espada enorme», Júlio Dantas, *Pátria Portuguesa*, 221; «Um sol redondo e gordo, *chispando* raios», Erico Veríssimo, *Música ao longe*, 7, 3ª. ed. (Cf. também Machado); Aurélio: «a fogueira *chispava* fagulhas».

**Faiscar**<sup>2</sup> (a-ís), v. t. Fazer lançar faísca(s) de; fazer lançar faíscas; acender: «ele ergueu-se e *faiscou* o acendedor de ouro», Samuel Maia, *Dona sem Dono*, 322 // Lançar de si *chispas*, *centelhas*, *clarões*: «Não atinou o santo homem um *faiscar* lume», Aquilino Ribeiro, *O Servo de Deus*, 23. // Dardejar, emitir como faíscas: «*Faiscavam*-lhe áscuas de rancor os olhos injectados», Camilo, *Voltaireis ó Cristo?*, cap. 3, 23. (Cf. também Machado)

**Luzir**<sup>1</sup>, v. t. (do lat. *Lucere*). Mostrar, apresentar com luzimento, com brilho. (Cf. também Machado)

**Resplandecer**<sup>2</sup> v. t. Reflectir o brilho ou esplendor de. / Fig. Fazer sobressair, fazer avultar: «rosto onde *resplandecem* todos os dotes de uma viva inteligência». (Cf. também Machado); Aurélio: «Refletir o brilho ou o esplendor de: O diamante *resplandece* os raios solares.»

Primeiro, constatamos que os verbos *chispar* e *faiscar* admitem o uso transitivo, sem se alterar, no entanto, o sentido fundamental de «emitir luz».

Em segundo lugar, temos que sublinhar que no parágrafo sobre *luzir* transitivo o GDLP não dá exemplos, facto que pode indicar uma baixa frequência deste uso, ou a sua substituição por perífrases. Corresponderia a usos «figurados» com o sentido de «exibir algo valioso» em espanhol (por ex., *lucir un brillante, una condecoración, un traje*; Brumme 2002, 2000b). Parece-nos, porém, serem usos raros ou quase inexistentes em português. De tudo isto difere muito o exemplo aportado por Aurélio, que se refere ao sentido «próprio» de «fazer brilhar; irradiar»: «No verão, a aurora *luz* mais cedo os seus primeiros clarões», apesar de podermos entender também «a aurora ostenta mais cedo os clarões», sentido mais próximo ao uso espanhol.

Por fim, registamos também a possibilidade de usar o verbo *resplandecer*, no sentido de «emitir luz», bem documentado em Aurélio. O GDLP, no entanto, oferece um exemplo ambíguo. Para indicar um uso transitivo o verbo teria que estar no singular («O rosto *resplandece*

9. Não entramos em detalhes sobre as diferenças entre o uso peninsular e o uso americano, e remetemos simplesmente para o nosso artigo (Brumme 2002).

os dotes ...»). Doutra maneira, o exemplo corresponde a um uso intransitivo «Todos os dotes de uma viva inteligência resplandecem no seu rosto».

Aproveitamos esta parte da análise para observar, que, diferentemente de Le Clerc (1996: 88), não tomaremos em consideração os usos figurados,<sup>10</sup> porque representam uma evolução paralela do campo semântico e merecem, na nossa opinião, um estudo separado.

### 5.3. *As categorias de contexto dos verbos de luz*

Além do comportamento sintático, os dicionários fornecem, através dos exemplos que acrescentam a cada entrada, informação sobre os contextos em que aparecem os verbos. Quanto aos verbos *brilhar - luzir, reluzir - resplandecer* e *faiscar - chispar - centelhar / cintilar* são os seguintes, segundo os Dicionários de Bluteau, Silva (GDLP)<sup>11</sup> e Aurélio:

**brilhar:** No nível mais geral situa-se *brilhar* que se associa tanto às estrelas, às pedras preciosas (sobretudo, o diamante) como a todo outro corpo capaz de reflectir luz (por ex., a água quando o sol dá nela).<sup>12</sup>

**luzir:** Para *luzir*, o GDLP indica as estrelas como exemplos e afirma: «Luzem a chama, a candeia, a bugia acesa», com o qual o verbo parece referir-se sempre a uma luz natural. Contudo, o Aurélio não só indica as estrelas entre as fontes de luz, mas também admite que *luzir* se refera à luz reflectida («aplica-se a superfícies polidas») e indica o ouro como superfície capaz de reflectir a luz (reproduzindo o provérbio «Nem tudo o que *luz* é ouro»; v. *reluzir*).

**reluzir:** Pelos provérbios que há em português —«Não he ouro tudo o que *reluz*» e «A mulher do velho, *reluz como espelho*» (Bluteau)— *reluzir* parece indicar uma luz intensa reflectida. O GDLP afirma também: «Reluzem o ouro, a prata, o bronze, os metais brunidos; reluzem os mármore e madeiras bem polidas». As citações que oferece indicam, com alguma excepção, que se referem às estrelas e também a uma superfície polida que reflecte a luz.

**resplandecer:** *Resplandecer* aparece apenas quando se refere à luz do sol, ou seja, uma luz muito intensa. Aurélio, no entanto, indica também um exemplo com uma pedra preciosa.

**faiscar:** Em relação a *faiscar*, os dicionários coincidem destacando como traço fundamental o movimento da luz (faiscam o lume, a tocha) que também pode ser reflectida por algum objecto («Lá cima, no alto do monumento, a imagem da República ... *faisca* ao sol», GDLP).

**chispar:** Associa-se com as pedras preciosas (luz reflectida) e uma luz incandescente, ou seja, natural («O metal incandescente chispava», Aurélio).

**centelhar:** Indica uma luz natural (por ex., uma faisca, o sol).

**cintilar:** Como se vê na definição de Bluteau acima mencionada, o traço fundamental de indicar o movimento da luz: «Manifestar o fenómeno da cintilação, brilhar com espécie de trepidação rápida» (GDLP). *Cintilar* refere-se às estrelas como também a uma luz reflectida.<sup>13</sup>

No seguinte parágrafo, voltaremos a ver os contextos que indicam os dicionários, a partir dos dados que obtivemos do nosso corpus.

10. Este facto explica a ausência na nossa análise de verbos como *dardejar*.

11. Usamos estes dois dicionários apesar de serem mais antigos, porque oferecem informações detalhadas através dos múltiplos exemplos que contêm.

12. «Brilham as estrelas, brilha o diamante, brilham a água, o cristal, o espelho, feridos do sol, etc.» (GDLP).

13. Cf. os exemplos: «As armas polidas *cintilavam* em breve aos primeiros raios do sol oriental», «Ao clarão das tochas, todas as suas jóias *cintilaram*»; GDLP; «As pedrarias de seu rico traje *cintilavam*», Aurélio.

## 6. O CORPUS

O material de nosso estudo foi extraído principalmente do *Corpus de Referência do Português Contemporâneo* (cf. Nascimento / Rodrigues 1996), disponível no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. Solicitámos a exploração de cinco autores do século XIX, isto é, Almeida Garrett (1799-1854), Alexandre Herculano (1810-1877), Camilo Castelo Branco (1825-1899), Júlio Dinis (1839-1871) e José M<sup>a</sup> Eça de Queirós (1845-1900), e quatro autores do século XX, Virgílio Ferreira (\*1916), Sophia de Mello Breyner Andresen (\*1922), José Saramago (\*1922) e António Lobo Antunes (\*1942), dependendo a escolha das obras não só de nós, mas da actualização do próprio corpus. Nas linhas seguintes poderá ver-se a distribuição das obras consultadas, seguido do código que assinala nas citações as ocorrências na respectiva obra:

**Almeida Garrett:** *Viagens na Minha Terra* (L0003).

**Alexandre Herculano:** *Lendas e Narrativas* (L0215), *Eurico o Presbitero* (L0209), *O Monge de Cistér ou a Epocha de D. João I* (L0506).

**Camilo Castelo Branco:** *O Condemnado / Como os Anjos se Vingam / Entre a Flauta e a Viola* (L0081), *A Neta do Arcediago* (L0224), *O Esqueleto* (L0083), *Anos de Prosa* (L0082), *Estrelas Propícias* (L0114), *Mistérios de Fafe* (L0227), *As Três Irmãs* (L0226), *O Que Fazem Mulheres* (L0225), *A Doida do Condal* (L0297), *A Filha do Arcediago* (L0296), *Novelas do Minho* (L0289), *Os Brilhantes do Brasileiro* (L0115), *A Mulher Fatal* (L0728), *O Santo da Montanha* (L0509).

**Júlio Dinis:** *A Morgadinha dos Canaviais* (L0016), *Os Fidalgos da Casa Mourisca* (L0432), *As Pupilas do Senhor Reitor* (L0523).

**José M<sup>a</sup> Eça de Queirós:** *A Cidade e as Serras* (L0017), *Correspondência I* (L0290), *Correspondência II* (L0288), *Contos* (L0119), *A Capital* (L0508), *Os Maias* (L0379), *Alves & C.<sup>a</sup> e Outras Ficções* (L0346), *Últimas Páginas* (L0299), *A Relíquia* (L0298), *José Matias* (L0954), *A Correspondência de Fradique Mendes* (L0449).

**Virgílio Ferreira:** *Manhã Submersa* (L0446), *Aparição* (L0044), *Apelo da Noite* (L0447).

**Sophia de Mello Breyner Andresen:** *Livro Sexto* (L0401), *Histórias da Terra e do Mar* (L0400), *Dual* (L0113), *Musa* (L0711), *Contos Exemplares* (L0406), *No Tempo Dividido* (L0404), *A Menina do Mar* (L0403), *O Nome das Coisas* (L0402).

**José Saramago:** *Jangada de Pedra* (L0487), *Memorial do Convento* (L0486), *Levantado do Chão* (L0074), *História do Cerco de Lisboa* (L0702), *Viagem a Portugal* (L0489), *O ano da morte de Ricardo Reis* (L0521).

**António Lobo Antunes:** *Os Cus de Judas* (L0061), *Fado Alexandrino* (L0060).

Este procedimento foi condicionado pelas etiquetas e pela estrutura do corpus e veio contradizer a nossa primeira intenção de obter, através de determinados períodos de tempo (por exemplo, 1870-1890, 1920-1930 e 1970-1980), as ocorrências dos verbos acima mencionados para estabelecer subcorpora (incluindo um corpus do português contemporâneo) e comparar a evolução do campo através do tempo.

Uma vez que esta consulta do corpus representava uma primeira tentativa de aproximação do corpus e da sua exploração, indicámos as formas conjugadas dos verbos, como se poderá observar:

brilham / brilhava  
 luzem / luzia  
 reluzem / reluzia  
 resplandecem / resplandecia  
 cintilam / cintilava  
 faiscam / faiscava.

Este procedimento explica-se da experiência com a análise destes verbos noutras línguas, onde aparecem preferentemente em situações descritivas, que requerem o uso dum tempo marcado pelo aspecto imperfectivo (non-transformativo). Isto não significa que os verbos são incompatíveis com outros tempos verbais, mas esperávamos simplesmente uma frequência elevada a partir do presente e imperfeito do indicativo. O resultado da pesquisa foi, no entanto, decepcionante, uma vez que em muitas obras não foi conclusivo. Contudo, as ocorrências parecem-nos suficientes para empreender uma primeira aproximação do campo semântico dos verbos de luz, análise que nos propomos aprofundar em estudos posteriores com a ajuda de um maior número de contextos e verbos, incluindo, entre outros, verbos transitivos, intransitivos e compostos (por exemplo, verbos como *alumiar*, *iluminar*; *tremeluzir*), a inclusão dos usos «figurados» e uma mais rigurosa distinção do plano diacrónico e sincrónico.

## 7. ANÁLISE DO CORPUS

De acordo com os estudos anteriores, analisamos agora a distribuição dos lexemas a estudar em contextos que permitam, através da prova de comutação, estabelecer os traços semânticos deles. Como já dissemos, prestaremos a máxima atenção às categorias de nomes que desempenham a função do sujeito e aos adverbiais que modificam o significado fundamental do verbo. As categorias de sujeito costumam indicar:

a fonte de luz (natural / artificial)  
 a superfície capaz de reflectir a luz  
 superfícies «orgánicas» (como, por exemplo, os dentes, o cabelo, a pele)  
 superfícies lisas (por exemplo, uma madeira polida)  
 superfícies de metal  
 superfícies de pedras (preciosas), cristais e vidros  
 superfícies de água ou cobertas de alguma substância líquida

Estas categorias referem-se, portanto, aos clasemas acima indicados, enquanto que os adverbiais permitem completá-las, obtendo-se indicações relativamente às dimensões. Referem-se a:

fonte e reflexão de luz  
 movimento da luz  
 forma da luz  
 intensidade da luz (cf. Le Clerc 1996: 89; Alsina / Brumme 2001).

Partimos, portanto, do esquema seguinte:

**classema**

«fonte de luz»

preponderantemente ‘luz natural’

preponderantemente ‘luz artificial’

«luz reflectida»

superfícies «orgânicas» (como, por exemplo, os dentes, o cabelo, a pele)

superfícies lisas (por exemplo, uma madeira polida)

superfícies de metal

superfícies de pedras (preciosas), cristais e vidros

superfícies de água ou cobertas de alguma substância líquida

**dimensões**

«movimento»

aparição singular, efémera

aparições repetidas, pouco duráveis

emissão contínua, com breves intermitências

emissão contínua, sem interrupção

«forma»

compacta

difusa

extensão espacial

«intensidade»

constante

com a tendência a ser

extrema

elevada

relativamente baixa

«percepção de cores»

«efecto acústico»

«emissão de calor»

**estilema:** poético, popular, etc.

### 7.1. A oposição brilhar - luzir

Começamos, pois, com o primeiro par mínimo, ou seja, os verbos *brilhar* (20 vezes) e *luzir* (17 vezes),<sup>14</sup> bem documentados no corpus. Comparamos contextos semelhantes onde aparecem estes verbos, para se marcarem as diferenças.

A fonte de luz (natural / artificial)

No primeiro lugar, examinamos a categoria (classema) «fonte de luz». O contexto (o sujeito) mais frequente do verbo *brilhar* que se documente não só nas obras literárias, mas também no corpus de imprensa, é o sol que consideramos «fonte de luz natural».

14. Da nossa pesquisa resultam três ocorrências de *brilhar* e três de *luzir* no *Primo Basílio*.

Uma grande planície estendia-se entre eles, toda cheia e coberta da erva amarelada do Outono, desenrolando-se até a uma fileira de colinas, que grandes pinheirais vestiam. O sol **brilhava** # Tot: 3 N°: 2 Ref: L0299P0158X sobre as águas da lagoa — e havia um vasto silêncio. (Eça)

par 47812: O dia está magnífico, o céu azul, o Sol **brilha**, ... (Corpus Natura, *O Público*)

O verbo *luzir* aparece preferentemente em contextos com as estrelas, igualmente uma «fonte de luz natural».

A noite é negra mas bela: e os teus olhos, Soledade, eram negros e belos como a noite. «Nas trevas da noite **luzem** # Tot: 1 N°: 1 Ref: L0003P0217X as estrelas que são tão lindas... mas no fim de uma longa noite quem não suspira pelo dia? (Garrett)

Enquanto que o verbo *brilhar* é perfeitamente compatível com este contexto, como se documenta no exemplo seguinte (embora seja metafórico), o verbo *luzir* não é tão frequente no contexto do sol:

par 74050: Mas a estrela de Hosokawa **brilha** com cada vez menos intensidade. (Corpus Natura, *O Público*)

?? par 47812: O dia está magnífico, o céu azul, o Sol **luz**, ...<sup>15</sup>

A causa deste facto poderia ser que a terceira pessoa do singular de *luzir* é homónima com o substantivo feminino *luz*. Apesar disso, é preciso observar que também o sentido muda, como se vê no exemplo seguinte, indicando uma luz menos viva, menos intensa e radiante:

O sol **luzia** sobre as águas da lagoa — e havia um vasto silêncio.

Ainda temos que acrescentar que o verbo *luzir* aparece apenas em contextos de uma luz natural que se destaca na escuridão da noite:

Era então em Maio: já as macieiras tinham flor, e as primeiras espigas dos trigos saíam da terra, e os prados enverdeciam. Mas eis que, uma noite, grandes relâmpagos **luzem** # Tot: 1 N°: 1 Ref: L0299P0077X sobre o vale, um trovão rola sobre as serras — e subitamente, com o estalido de lanças entrechocando-se, caiu o granizo. (Eça)

*Brilhar*, pelo contrário, documenta-se tanto com a luz natural como com uma luz artificial, em todas as situações:

Mas não passava uma sombra nem no largo corredor da escadaria nem no corredor estreito da Capela. Apenas nos ângulos **brilhava** # Tot: 1 N°: 1 Ref: L0446P0199X a chama do gás no meio dos seus pratos de vidro nervado. (Ferreira)

Uma superfície capaz de reflectir a luz

Os dois verbos documentam-se muito em contextos que indicam a reflexão da luz. Entre as superfícies lisas (como, por exemplo, uma madeira polida), aparecem a superfície envernizada dos móveis para *brilhar* e a tela de uma peça de vestuário para *luzir*:

15. Usamos ?? para indicar contextos possíveis, mas improváveis e \* para marcar colocações inusuais.

O verniz dos móveis novos **brilhava** # Tot: 3 N°: 2 Ref: L0379P0056X na luz das duas janelas, sobre o tapete alvadio semeado de florzinhas azuis: e as bambinelas, os reposteiros de cretone, repetiam as mesmas folhagens azuladas sobre fundo claro. (Eça)

Padre Custódio enrolava devagar o guardanapo, a sua batina coçada **luzia** # Tot: 2 N°: 1 Ref: L0379P0064X nas pregas das mangas. (Eça)

Neste caso, também vemos que não podemos trocar tão facilmente um contexto por outro:

?? O verniz dos móveis novos **luzia** na luz das duas janelas ...

\*Padre Custódio enrolava devagar o guardanapo, a sua batina coçada **brilhava** nas pregas das mangas.

Enquanto que o primeiro contexto é admissível, embora indique, quer uma superfície menos polida, quer uma luz menos intensa, o uso de *brilhar*, de conotação positiva, no segundo exemplo, contradiria o contexto negativo da batina (que é tão usada, que está polida).

Não é de estranhar que *brilhar* apareça também indicando a luz reflectida sobre superfícies de metal como o ouro, a prata ou o ferro:

O italiano fez uma pequena vénia na direcção de Baltasar, que respondeu com outra mais profunda, ainda que inábil, sempre era ele o mecânico, e além disso estava sujo, enfarruscado da forja, em todo ele só **brilhava** # Tot: 3 N°: 1 Ref: L0486P0168X o gancho, do muito e constante trabalho. (Saramago)

No entanto, encontramos também neste contexto (ferro, ouro) o verbo *luzir* (documentado apenas a partir das obras de Eça de Queirós). Queremos chamar a atenção sobre a mudança no movimento, a intensidade e a gradação da luz que Eça de Queirós consegue com a ajuda dos três verbos de luz, ou seja, *luzir*, *faiscar* e «ferir a vista», isto é praticamente, *deslumbrar* ou *cegar*:

Macario tirou da algibeira uma peça e quando o cavalleiro, todo curvado e com um olho pisco, fazia a somma dos tentos nas costas d' um az, Macario conversava com Luiza, e fazia girar sobre o panno verde a sua peça de ouro, como um bilro ou um pião. Era uma peça nova que **luzia**, # Tot: 4 N°: 3 Ref: L0119P0284X *faiscava*, rodando, e feria a vista como uma bola de nevoa dourada. (Eça)

A luz de *luzir* é muita mais fraca e contínua que a de *faiscar*, que indica um grau mais alto de intensidade e mais movimento até chegar a *deslumbrar*, por exemplo, verbo que se refere a uma luz forte demais. Outro motivo concludente para o escritor usar *luzir* pode ser o facto de ter, naturalmente, origens fonéticas-estilísticas (\*Era uma peça nova que *brilhava*, *faiscava*...), coisa que podemos observar com frequência neste campo semântico.<sup>16</sup>

No exemplo seguinte, *luzir* aparece no contexto de outro verbo de luz, ou seja, *alumiavar*, que indica uma fonte de luz natural (o fogo da tocha) na escuridão. A luz que reflecte o punhal não pode ser, por tanto, muito intensa.

N' um brusco furor, o senhor de Lara arrancou do cinto um punhal, que lhe agitou junto á face, rugindo surdamente: — Ou escreveis o que vos mando e que a mim me convem, ou, por Deus, que vos varo o coração! ... Mais branca que a cêra da tocha que os *alumiava*, com a carne

16. No exemplo seguinte a palavra *brilhante* já exclui o verbo *brilhar*: «pousando sobre o coração a mão onde *reluzia* um brilhante» (PB 383).

arripiada ante aquelle ferro que **luzia**, # Tot: 4 N°: 4 Ref: L0119P0440X n' um terror supremo e que tudo aceitava, D. Leonor murmurou: — Pela Virgem Maria, não me faça mal! (Eça)

Mas reparamos aqui outro traço que às vezes pode ser distintivo, como já indicou Le Clerc (1996:111). *Luzir* pode projectar uma conotação negativa, aqui claramente perceptível através da ameaça que representa o punhal.

Achamos, por isso, que nos últimos dois contextos não pode aparecer *brilhar*:

?? Era uma peça nova que **brilhava**, *faiscava*, rodando, e feria a vista como uma bola de nevoa dourada.

?? Mais branca que a cêra da tocha que os *alumiava*, com a carne arripiada ante aquelle ferro que **brilhava**, n' um terror supremo e que tudo aceitava, D. Leonor murmurou: ...

No primeiro exemplo não pode aparecer porque já não indica a gradação, ao designar *brilhar* uma luz forte que se aproxima da dos verbos *faiscar* e *deslumbrar*. No segundo, porque não admite conotações pejorativas, mas designa uma luz muito viva.

Em relação às superfícies das pedras (preciosas), cristais e vidros, o nosso corpus contém apenas contextos com *brilhar*:

Nos camarotes conversava-se sôbriamente; às vezes uma jóia *brilhava*, ou a luz punha tons lustrosos de asa de corvo nos cabelos pretos onde alvejavam camélias ou *reluzia* o aro de metal de um pente; os vidros redondos dos binóculos moviam-se devagar, picados de pontos luminosos. (PB 385)

Chama a atenção o facto de *brilhar* encontrar-se sempre, em relação aos exemplos achados, no contexto com *reluzir* que, como veremos, designa muitas vezes uma luz reflectida e forte. No exemplo indicado, *brilhar* usa-se para as pedras das jóias, *reluzir* para o metal, e *brilhar* é capaz de associar-se a superfícies metálicas, especializando-se na forma de *reluzir*, quando esta surge. O verbo *luzir* parece-nos menos adequado nestes contextos, porque indica uma intensidade de luz mais baixa.

Esta afirmação também é válida relativamente a outras superfícies, isto é, às superfícies por água ou cobertas de alguma substância líquida. Documentam-se os dois verbos:

Os telhados das casas são de ardósia, quase todos, e com este tempo húmido **brilham** # Tot: 1 N°: 1 Ref: L0489P0016B e aparecem mais escuros que a sua natural cor de chumbo. (Saramago)

Descemos a rua, entre arvores, que a cobriam com as densas ramas encruzadas. Uma fresca, limpa água de rega corria e **luzia** # Tot: 1 N°: 1 Ref: L0017P0337X n' um canieiro de pedra. Entre os troncos, as roseiras bravas ainda tinham uma frescura de verão. E o pequeno campo, que se avistava para além, *rebrilhava* com doçura, todo amarelo e branco, dos malmequeres e botões de ouro. (Eça)

*Brilhar* e *luzir* não permitem ser comutados entre si: o primeiro exemplo reproduz uma luz destacada, perfeitamente perceptível, enquanto que no segundo exemplo a luz é mais discreta e contínua.

De acordo com o que acabamos de dizer, entre as **dimensões** destaca-se o facto de se tratar de uma emissão contínua, com breves intermitências («movimento»), onde *brilhar* também tem tendência para indicar aparições repetidas (v. a vizinhança com *faiscar* e *cintilar*), pouco duráveis (por exemplo, reflexos), enquanto que *luzir* marca, antes de mais, uma emissão contínua, sem interrupção (v. a oposição com *faiscar*; Le Clerc 1996: 110):

Os passos do escudeiro não faziam ruído no tapete fofo; o lume estalava alegremente, pondo retoques de ouro nas pratas polidas; o sol discreto que **brilhava** # Tot: 3 N°: 1 Ref: L0379P0031X fora no azul de Inverno fazia *cintilar* cristais de geada nas ramas secas; e à janela o papagaio, muito patuleia e educado por Pedro, rosnava injúrias aos Cabrais. (Eça)

Macario tirou da algibeira uma peça e quando o cavalleiro, todo curvado e com um olho pisco, fazia a somma dos tentos nas costas d' um az, Macario conversava com Luiza, e fazia girar sobre o panno verde a sua peça de ouro, como um bilro ou um pião. Era uma peça nova que **luzia**, # Tot: 4 N°: 3 Ref: L0119P0284X *faiscava*, rodando, e feria a vista como uma bola de nevoa dourada. (Eça)

Quanto à dimensão «forma da luz», tanto *brilhar* como *luzir* indicam uma luz difusa, embora o primeiro verbo também mostre tendência para a extensão espacial, como se vê no circunstante «com uma radiação faiscante»:

Foram-se sentar ao fundo. Do outro lado da rua as fachadas muito caiadas **brilham** com uma radiação faiscante. Por trás do balcão, onde *reluziam* garrafas de cristal, um criado de jaquetão, (...), cabeceava de sono. (PB 134)

A noite, efeito do vento, ficou mais clara. A grande nuvem afastava-se e agora o céu **luzia** # Tot: 1 N°: 1 Ref: L0074P0020X aqui e além. Já não chove, disse a mulher ao filho que dormia e era, dos quatro, o único que ainda não sabia a boa notícia. (Saramago)

No primeiro contexto, *luzir* seria dificilmente admissível, ao se excluir, tanto *radiar* como *faiscar*, do seu uso:

?? Do outro lado da rua as fachadas muito caiadas **luziam** com uma radiação faiscante.

Em relação à «intensidade», outra dimensão a termos em conta, já assinalámos repetidas vezes que a de *brilhar* é constante, com tendência para ser fundamentalmente elevada:

pela alta noite do seu viver muitas vezes *fulgurara* uma luz de alegria, como êsses astros que **brilham** # Tot: 1 N°: 1 Ref: L0209P0258X a espaços nos abismos do firmamento. (Herculano)

Mas pode tender a ser extrema, facto que é indicado pela possibilidade de acrescentar advérbios de comparação (nem sempre nos contextos imediatos). Comprova-se, com isso, a complementaridade gradual da antinomia «emitir luz» / «não emitir luz» ou «claro» / «escuro» que Lyons chama «antinomia polar» (1981/1991:100-101):

Foram-se sentar ao fundo. Do outro lado da rua as fachadas muito caiadas *brilham* com uma radiação *faiscante*. Por trás do balcão, onde *reluziam* garrafas de cristal, um criado de jaquetão, (...), cabeceava de sono. (PB 134)

Só trago dinheiro inglês comigo, Ah, isso tanto faz, e na mão direita estendida viu pousar dez xelins, moeda que mais do que o sol **brilhava**, # Tot: 1 N°: 1 Ref: L0521P0016X enfim logrou o astro-rei vencer as nuvens que sobre Lisboa pesavam. (Saramago)

A intensidade da luz em *luzir* é, pelo contrário, relativamente baixa, a qual vem indicada por modificadores do sujeito, como atributos que se associam a uma luz mais baixa ou diminutivos (cf. supra, estrelinhas):

Todo o vale de rochas estava negro. Por vezes um grande pássaro escuro esvoaçava. Uma estrela pequenina luzia, # Tot: 4 Nº: 3 Ref: L0299P0095X depois outra. O santo prior orava, com a face sobre a pedra fria. (Eça)

Despede-se o último ar de dia, não tarda que se feche a noite completamente, **luzem** # Tot: 1 Nº: 1 Ref: L0486P0203X no céu as primeiras estrelas ... (Saramago)

Uma dimensão que não se detecta nos dicionários é a «percepção de cores» associada ao verbo *brilhar*, como já pudemos constatar com o espanhol:

Após estas principais personagens, via-se uma grande multidão de cavalleiros, clérigos, cortesãos, conselheiros, juizes da corte; companhia esplendida, por entre a qual **brilhava** # Tot: 1 Nº: 1 Ref: L0215P0163X o ouro, a prata e as variadas cores dos trajes de festa, que sobresaíam no chão negro das vestiduras roçagantes dos magistrados e clérigos. (Herculano)

Joana Carda exclamou, Vejam, vejam o fio azul. Todos viram. O fio não parece o mesmo. O outro, de sujo que se tornara, tanto já podia ter sido azul como castanho ou negro, mas este **brilhava** # Tot: 1 Nº: 1 Ref: L0487P0183X na sua cor própria, azul nem do céu nem do mar, quem assim o teria tingido e dobrado, quem o lavara, se o mesmo era, e outra vez colocara na boca do cão, dizendo, Vai. (Saramago)

A análise das ocorrências dos verbos *brilhar* e *luzir* indicam uma relação de hiperonímia-hiponímia no sentido de Lyons (1981/1991: 97-99):

luzir ⇒ brilhar

f ⇒ g: as estrelas luzem/brilham (brilhar é hiperónimo de luzir)

Mas não: o sol brilha ⇒ \*o sol luz (luzir é hipónimo de brilhar)

Resumimos os resultados da análise no esquema seguinte (cf. Le Clerc 1996: 109-111):

	<b>brilhar</b>	<b>luzir</b>
<b>classema</b>		
«fonte de luz»		
preponderantemente 'luz natural'	x	x
preponderantemente 'luz artificial'	x	
«luz reflectida»	x	x
<b>dimensões</b>		
«movimento»		
aparição singular, efémera		
aparições repetidas, pouco duráveis		
emissão contínua, com breves intermitências	x	x
emissão contínua, sem interrupção		
«forma»		
compacta		
difusa	x	x
extensão espacial		

	<b>brilhar</b>	<b>luzir</b>
«intensidade» constante com a tendência a ser extrema elevada relativamente baixa	x    x	x   x
«percepção de cores» «efecto acústico» «emissão de calor»	x	
<b>estilema:</b> poético, popular, etc. conotações	pos.	(neg.)

Comprovam-se, portanto, os resultados obtidos por Le Clerc quanto aos verbos franceses *briller* e *luire* e os verbos em português, com a única diferença que *luzir* indica claramente uma intensidade de luz fraca (na escuridão).

## 7.2. A oposição reluzir - resplandecer

Continuamos agora com outra oposição, isto é, a dos verbos *reluzir* e *resplandecer* que são documentados 20 e 15 vezes, respectivamente, a partir do *Corpus de Referência do Português Contemporâneo*. Quanto à nossa pesquisa no *Primo Basílio* a situação muda completamente, ao termos registado 24 ocorrências para *reluzir* e apenas duas para *resplandecer*.<sup>17</sup>

Segundo o conteúdo, os dois lexemas relacionam-se entre si pela intensidade de luz que indicam; segundo a forma, mediante o prefixo *re-*. Este denota «repetição, reiteração» (Cunha 1991: 665), mas também, como ainda no francês antigo, uma quantidade ou intensidade elevada do que significa o verbo (Le Clerc 1996: 86). Em comparação com a palavra simples *luzir*, o verbo *reluzir* designa a reflexão de luz e mantém o aspecto intensificador. Diferentemente do francês onde o verbo, pela acção deste prefixo, não admite como sujeito uma fonte de luz (Le Clerc 1996:115), em português documentam-se fontes de luz natural, muitas vezes acesa:

Mas a noite ía cada vez mais fria: os trovões e os raios eram uns atrás de outros: a chuva era aos cantaros. Para onde havia de ir? Disse-m' o depois: não tinha outro abrigo. Por fim resolveu-se: aferrolhou-se na alcova, e eu encostei-me ao pé do lar, onde ainda **reluzia** # Tot: 2 N°: 2 Ref: L0506P0098X o *brazido da fogueira*. (Herculano)

No entanto, os casos onde a fonte de luz que provoca o efeito do reluzir, ou é exprimida como circunstante, são muito mais frequentes no transcurso do texto:

17. Não são documentados no corpus de imprensa.

— reflexão exprimida pelo circunstante

O Rossio **reluzia** ao sol ... (PB 255)

... o bigode muito preto **reluzia** de brilhantina ... (PB 327)

— reflexão sob a influência de uma fonte de luz natural

O Sol, que batia em redor nas ramagens, tinha um desacostumado esplendor. A cruz branca, que ele pintara na porta para afugentar os demónios, **reluzia**, # Tot: 4 N°: 4 Ref: L0299P0029X como feita de uma luz clara. (Eça)

*Reluzir* tem, portanto, tendência para indicar uma luz reflectida (v. infra).

O efeito de uma aparição breve, repetida em diferentes lugares (como no caso do clarão dos olhos ou do fogo) e do reflexo, não se consegue nem com *brilhar* nem com *luzir*, marcando o prefixo *re-* um valor intensificativo ou, simplesmente, um reforço do verbo *luzir* (como em alemão *auf-glimmen* ou *auf-leuchten*):

?? A cruz branca **brilhava** / **luzia**.

Achamos que o verbo *resplandecer* se comporta da mesma maneira. Trata-se também de um verbo prefixado; lembramos a existência do verbo *esplendecer*, muito semelhante com o primeiro. Por causa da baixa frequência não podemos mostrar com toda a certeza este comportamento, mas assinalamos, como no caso de *reluzir*, que a fonte de luz não costuma ser indicada pelo sujeito, e sim por um circunstante:

O cabelo quase da mesma cor tinha, demais, um reflexo doirado, vacilante, que ao sol **resplandecia**, # Tot: 2 N°: 2 Ref: L0003P0403X ... (Garrett)

A cidade **resplandecia** # Tot: 1 N°: 1 Ref: L0044P0024X a um sol familiar, branca, ... (Ferreira)

Em relação à possibilidade de indicar uma «luz reflectida», os dois verbos aplicam-se a superfícies «orgánicas» (como, por exemplo, os dentes, o cabelo, a pele) ou lisas (por exemplo, uma madeira polida):

Com o dedo magro apontava os dois vincos fundos ao lado do nariz, na face chupada. E o que o aterrava sobretudo era *a calva*, uma calva que começara havia dois anos, alastrara, já **reluzia** # Tot: 3 N°: 3 Ref: L0379P0690X no alto. — Olha este horror! (Eça)

... naqueles móveis íntimos, que ram do tempo da mamã: o velho *guarda-louça envidraçado*, com as pratas muito tratadas a *gresso-crê*, **resplandecendo** decorativamente; ... (PB 12)

A frequência mais elevada observa-se nos contextos em que *reluzir* evoca um reflexo em superfícies de metal:

Por vezes o raio de uma auréola tremia, despedia um fulgor, como se na madeira das imagens corresse estremeamentos de júbilo. E na sua cruz de pau-preto, o Cristo, riquíssimo, maciço, *todo de ouro*, suando ouro, sangrando ouro, **reluzia** # Tot: 2 N°: 1 Ref: L0298P0251X preciosamente. (Eça)

A imagem de meu pae defunto, de minha irman deshonrada, queimava-me o cerebro. Vingança! Esta palavra sentia-a soar, palpava-a, via-a escripta, affigurava-se-me convertida em effeito. Um cavalleiro estava por terra, o seu peito arquejava debaixo da minha joelheira de ferro, e um *punhal* me **reluzia** # Tot: 2 Nº: 1 Ref: L0506P0020X na mão erguido sobre a garganta do roubador de minha irman. Era um prazer horroroso! (Herculano)

Nestes contextos, as ocorrências de *resplandecer* não se comparam com a alta frequência de *luzir*. No exemplo seguinte, o reflexo do metal é conseguido através da comparação:

A face do lenhador **resplandecia**, # Tot: 2 Nº: 1 Ref: L0299P0022X como um ouro sem liga sob um raio de sol. (Eça)

Os contextos em que *reluzir* aparece para designar a luz reflectida em superfícies de pedras (preciosas) e cristais são frequentes —ainda menos frequentes que em superfícies metálicas—, enquanto que *resplandecer* mal se documenta.

No exemplo seguinte misturam-se diferentes tipos de superfícies, como o vidro dos retratos e uma superfície engraxada para evocar o efeito da luz reflectida, embora o uso de *resplandecer* também possa conter uma componente metafórica («o quarto resplandecia de limpeza»):

... e tudo no quarto **resplandecia** # Tot: 2 Nº: 2 Ref: L0379P0350X de severo arranjo, desde os retratos da família real da Inglaterra, expostos sobre a toalha de renda que cobria a cómoda, até às suas botinas bem engraxadas, classificadas, perfiladas numa prateleira de pinho. (Eça)

Não há ocorrências que se associem a superfícies de água ou cobertas por alguma substância líquida.

Entre as **dimensões**, o «movimento» distingue os dois verbos, uma vez que *reluzir* pode indicar tanto uma emissão contínua, sem interrupção, como uma emissão contínua, com breves intermitências. O último traço aproxima-o do verbo *brilhar* que, no entanto, denota uma luz menos intensa:

Embebidas no seu drama cruel nem as monjas, nem Cremilde volvem sequer os olhos para os quatro guerreiros, cujas armas **reluzem** # Tot: 2 Nº: 1 Ref: L0209P0149X ao fulgor das tochas. (Herculano)

O verbo *resplandecer* admite só o traço ‘emissão contínua, sem interrupção’. Vemos que, no exemplo seguinte, o efeito vacilante não é conseguido com este verbo, que é descartado pelo próprio autor, mas sim através de *relampejar*, que contém o traço ‘aparições repetidas, pouco duráveis’:

Os olhos de um cor-de-avelã diáfano, puro, aveludado, grandes, vivos, cheios de tal majestade quando se iravam, de tal doçura quando se abrandavam, que é difficil dizer quando eram mais belos. O cabelo quase da mesma cor tinha, demais, um reflexo doirado, vacilante, que ao sol **resplandecia**, # Tot: 2 Nº: 2 Ref: L0003P0403X ou antes, *relampejava*, — mas a espaços, não era sempre, nem em todas as posições da cabeça — cabeça pequena, modelada no mais clássico da estatuária antiga, poisada sobre um colo de imensa nobreza, que harmonizava com a perfeição das linhas dos ombros. (Garrett)

A dimensão da «forma» parece-nos indicar em ambos os verbos uma luz difusa, que, no caso de *resplandecer*, tende claramente à extensão espacial, traço nele saliente. Enquanto que

*reluzir* pode ser combinado com um lexema como «vago», *resplandecer* precisa de circunstâncias que designem abundância de luz no espaço:

Por cima **reluziam** vagamente os pingentes de cristal dos lustres. (PB 237)

A face do lenhador **resplandecia**, # Tot: 2 N°: 1 Ref: L0299P0022X como um ouro sem liga sob um raio de sol. (Eça)

Mediante a prova de comutação, vemos que *resplandecer* e «vago» são incompatíveis, porque «vago» contradiz uma abundância de luz com irradiação no espaço:

\*Por cima **resplandeciam** vagamente ...

Os contextos onde aparecia *resplandecer* parecem-nos, porém, comutáveis com *reluzir*, mas já não exprimem a radiação abundante e a uniformidade da luz do contexto:

?? ... A face do lenhador **reluzia** como um ouro sem liga ...

Como já assinalámos no começo da análise, os dois verbos ligam-se pelo traço de «intensidade» constante com tendência para ser extrema, claramente perceptível em *resplandecer* que admite, por seu lado, a presença doutros verbos que se associam a uma luz intensa, como *sobreluzir*:

A saudade, a memória de Joanhina, suavemente impressa no mais puro e no mais santo da sua alma, **resplandecia** # Tot: 2 N°: 1 Ref: L0003P0203X no meio de todas as sombras que lha obscurecessem, *sobreluzia* no meio de qualquer fogo que lha alumiasse. (Garrett)

Apesar de *reluzir* conter o mesmo traço, perceptível a partir da presença de lexemas como *faiscar* e *fulgor*, tende a aproximar-se de *brilhar*, ao indicar uma luz elevada, mas nem sempre extrema (v. supra).

Para terminar temos que acrescentar duas observações sobre *resplandecer*: diferentemente de *reluzir*, marca também a «percepção de cores» (?? O Bosque **reluzia** n'uma harmonia de verde, azul e ouro):

O Bosque **resplandecia** # Tot: 2 N°: 2 Ref: L0017P0178X n'uma harmonia de verde, azul e ouro. Nenhuma cova ou terra solta desalisava as polidas aleas que a Arte traçou e enroscou na espessura — nenhum esgalho desgrenhado desmanchava as ondulações macias da folhagem que o Estado escóva e lava. (Eça)

Mas *resplandecer* comporta ainda uma marca estilística, isto é, indicar um uso poético, como quando evoca a descrição de Évora no texto seguinte.

Lavei-me enfim, mudei de roupa, saí para o Liceu, com uma tranquilidade nova. A cidade **resplandecia** # Tot: 1 N°: 1 Ref: L0044P0024X a um sol familiar, branca, enredada de ruas como de velhas ciladas, semeada de ruínas de arcos partidos, nichos de santos das orações de outras eras, janelas góticas, como olhares embiocados. Évora mortuária, encruzilhada de raças, ossuário dos séculos e dos sonhos dos homens, como te lembro, como me dóis ! (Ferreira)

Este uso parece-nos inseparável dos múltiplos contextos em que exprime um valor estético ou moral que se sobrepõe, muitas vezes, ao uso concreto como verbo da luz.

	<b>reluzir</b>	<b>resplandecer</b>
<b>classema</b> «fonte de luz» preponderantemente ‘luz natural’ preponderantemente ‘luz artificial’ «luz reflectida»	(x)  x (superfície metálica)	   x
<b>dimensões</b> «movimento» aparição singular, efémera aparições repetidas, pouco duráveis emissão contínua, com breves intermitências emissão contínua, sem interrupção	   x 	    x
«forma» compacta difusa extensão espacial	  x  	    x
«intensidade» constante com a tendência a ser extrema elevada relativamente baixa	 x  x 	 x  x  
«percepção de cores» «efecto acústico» «emissão de calor»		  x
<b>estilema:</b> poético, popular, etc.		poético

### 7.3. A oposição *faiscar* — *cintilar*

A análise da oposição entre *faiscar* e *cintilar* apresenta, desde o início, alguns problemas que têm a ver com a estruturação do campo semântico dos verbos da luz em português. Este distingue-se do francês, em que se opõem apenas *étinceler* e *scintiller*, pela presença de pelo menos quatro verbos semelhantes: *faiscar*, *chispar*, *centelhar* e *cintilar*, estes últimos com mais variantes gráficas. O facto de começarmos com o par mínimo de *faiscar* e *cintilar*, explica-se simplesmente pelas indicações que oferecem os dicionários. As definições destes, raras vezes, remetem para os verbos *centelhar* ou *chispar*.

Quanto às ocorrências que reunimos através do *Corpus de Referência de Português Contemporâneo*, temos que advertir que na primeira pesquisa não obtivemos contextos suficientes para a análise (apenas duas ocorrências para *faiscar*, nenhuma para *cintilar*). No *Corpus* da

imprensa também não encontramos contextos. A partir da nossa leitura do *Primo Basílio*, apenas registámos oito ocorrências para *faiscar* e nenhuma para *cintilar*.

Com o objectivo de remediar esta situação, solicitámos que a pesquisa fosse repetida (em Eça de Queirós e Saramago) através do sistema «wildcard», isto é, indicando um radical (*faisca-*, *cintila-*). Desta forma, conseguimos um corpus suficientemente amplo que se distingue, no entanto, do corpus estabelecido para *brilhar*, *luzir*, *reluzir* e *resplandecer*, pela presença de outras formas conjugadas diferentes das acima mencionadas, de participípios presentes e poucos substantivos deverbais (por exemplo, *cintila* → *cintilar* → *cintilação*).

Constatámos também que não obtivemos ocorrências de *cintilar* na obra de Eça de Queirós, porque este autor manteve a grafia antiga *scintillar*. As poucas ocorrências que incluímos no nosso corpus derivam, portanto, das de outros verbos.

No entanto, este percurso mostra-nos que agora nos deparamos com verbos de uso muito restringido.

Entre as «fontes de luz», *faiscar* documenta-se em contextos que indicam uma ‘luz natural’:

... as duas janelas estavam cerradas, mas sentia-se fora o sol **faiscar** nas vidraças, escaldar a pedra da varanda; ... (PB 11)

Apesar de todos os dicionários indicarem como referentes de *cintilar* as estrelas, o nosso corpus contém apenas um exemplo:

As horas passaram, a lua desceu e sumiu-se, a noite fez-se noite. Então as estrelas cobriram o céu todo, **cintilando** # Tot: 1 N°: 1 Ref: L0702P0152X como reflexos na água, abrindo espaço ao branco caminho de Santiago, ... (Saramago)

Estas duas fontes preponderantes de luz, isto é, o sol para *faiscar* e as estrelas para *cintilar* (\*sentia-se fora o sol **cintilar** nas vidraças, ?? Então as estrelas cobriram o céu todo, **faiscando** ...), já chamam a atenção para a diferente intensidade da luz que denotam os dois verbos.

*Faiscar* admite também, como categoria de sujeito, uma ‘luz artificial’, enquanto que *cintilar* não é documentado:

Pelo chão, pelos sofás, alastrava-se toda uma literatura em rumas de volumes graves; aqui e além, por entre a palha, através das lonas descosidas, a luz **faiscava** # Tot: 2 N°: 1 Ref: L0379P0097X num cristal, ou *reluziam* os vernizes, os metais polidos dos aparelhos. Afonso passava em silêncio para aquele pomposo aparato do saber. (Eça)

Os contextos que indicam uma «luz reflectida» sobre superfícies lisas (como, por exemplo, uma madeira polida) não são muito frequentes para *faiscar* e faltam para *cintilar*.

Entre os materiais que reflectem luz, as superfícies metálicas surgem com uma frequência elevada para *cintilar*; documentam-se também para *faiscar*:

Então, num instante, um grande corcel negro veio sobre ele, uma lança **faiscou** # Tot: 1 N°: 1 Ref: L0299P0161X — e Cristóvão ficou prostrado, imóvel, com uma espuma de sangue na boca. (Eça)

Como a resposta tardasse — partiu desesperado para Ovar, para a mesma hospedaria, como se esperasse ver outra vez **cintilar**, # Tot: 1 N°: 1 Ref: L0508P0075X sobre o pano da mesa, o oiro de outro punhado de libras. (Eça)

Apesar de *faiscar* não ser nada frequente com materiais metálicos, no entanto regista-se uma frequência mais elevada quando se refere a superfícies de pedras, cristais e vidros:

Não me lembra agora a palavra que exprime o efeito dum diamante **faiscando** # Tot: 2 N°: 1 Ref: L0290P0359X sobre fundo escuro. «The little loving words» fizeram-me o efeito de diamantes. (Eça)

A oposição *faiscar* —‘pedra preciosa’, *reluzir*— ‘superfície metálica’ faz-se sentir no exemplo seguinte:

Era um agala: jóias **faiscavam** sobre seios mimosos, condecorações *reluziam* sobre fardas palacianas. (PB 301)

A diferença de luz que indicam *faiscar* e *cintilar* comprova-se nos contextos seguintes. Os reflexos de luz são conseguidos por uma luz forte, no primeiro caso, e por uma luz mais fraca, no segundo (\*uma luz forte que fazia **cintilar** as vidraças, \*o sol discreto fazia **faiscar** cristais de geadas):

... recebendo uma luz forte que fazia **faiscar** as vidraças ... (PB 234)

Os passos do escudeiro não faziam ruído no tapete fofo; o lume estalava alegremente, pondo retoques de ouro nas pratas polidas; o sol discreto que brilhava # Tot: 3 N°: 1 Ref: L0379P0031X fora no azul de Inverno fazia **cintilar** cristais de geadas nas ramas secas; ... (Eça)

Já como no caso de *reluzir* e *resplandecer*, a fonte de luz que provoca os reflexos indica-se através dos circunstantes ou mediante «fazer», como nos últimos dois exemplos. As superfícies de água ou cobertas por alguma substância líquida são muito raras. Há apenas uma ocorrência para *cintilar*.

Quanto à dimensão «movimento», não é fácil determinarmos o traço pertinente de *faiscar*. A maioria dos contextos, onde vem associado com um movimento trémulo, indicam aparições repetidas, pouco duráveis:

... às vezes uma grande malha luminosa caía sobre a água, **faiscava**: depois tudo escurecia: vagas mastreações desenhavam-se na obscuridade difusa: e algum fanal de navio tremeluzia friamente. (PB 447)

... fios direitos e luzidios como cordas de prata vibravam e **faiscavam** # Tot: 2 N°: 1 Ref: L0017P0200X das alturas aos barrancos ... (Eça)

Mas *faiscar* pode indicar também uma emissão contínua, com breves intermitências. Este estatuto ambíguo reflecte-se também na sua presença ao lado de *reluzir* (‘emissão contínua, com breves intermitências’) e *lucilar* (‘aparições repetidas, pouco duráveis’):

Imagine que por causa da neve — é uma das cidades mais ao norte da América — os tectos das casas, as cúpulas das igrejas, os torreões, as torres das catedrais, tudo é coberto de lata! Imagine isto visto de longe, por um dia de sol, **faiscando**, # Tot: 2 N°: 2 Ref: L0290P0080X *reluzindo*, *lucilando* no meio de uma espessura verde-escura de alamedas, de bosques, de parques.... É um encanto. (Eça)

A aparição intermitente ou repetida de reflexos luminosos pode ser neutralizada através do uso imperfectivo (compara-se pretérito imperfecto / pretérito perfeito) denotando, pois, uma aparição singular, efémera:

Então, num instante, um grande corcel negro veio sobre ele, uma lança **faiscou** # Tot: 1 Nº: 1 Ref: L0299P0161X — e Cristóvão ficou prostrado, imóvel, com uma espuma de sangue na boca. (Eça)

Em relação a *cintilar*, parece-nos óbvio o traço ‘aparições repetidas, pouco duráveis’. Tanto «miríadas» como «tantas» que acompanham os substantivos deverbais, indicam ‘grande quantidade’, ‘profusão’, ‘repetição’:

O tempo arrasta-se como uma vaga lenta e viscosa uma massa de vidro líquido em cuja superfície há miríades de **cintilações** # Tot: 1 Nº: 1 Ref: L0521P0382X que ocupam os olhos e distraem o sentido ... (Saramago)

O nevoeiro desaparecera, não se acredita que tantas **cintilações** # Tot: 1 Nº: 1 Ref: L0702P0052X tivessem estado ocultas nele ... (Saramago)

Estes exemplos servem-nos para estabelecer, como traço fundamental da «forma», uma luz difusa. Nota-se também a dispersão da luz, por causa da composição dos objectos que cintilam no exemplo seguinte:

... o sol discreto que *brilhava* # Tot: 3 Nº: 1 Ref: L0379P0031X fora no azul de Inverno fazia **cintilar** crístais de geadas nas ramas secas ... (Eça)

Também em *faiscar* faz-se sentir a refacção da luz (por exemplo, nas vidraças ou na pó da rua) e podemos, pois, atribuir-lhe o traço ‘luz difusa’:

Depois, comprou charutos para o sogro, para depois do jantar. Desceu, enfim, a Calçada do Correio, que **faiscava** # Tot: 2 Nº: 2 Ref: L0346P0036X sob o sol, poeirenta e seca. (Eça)

Mas a luz de *faiscar* não chega a ser tão difusa como a de *cintilar*. Um indício pode ser o facto de aparecer na vizinhança de *espelhar* ou *refulgir*, que abarcam claramente o traço ‘luz compacta’:

Em baixo, estendia-se toda uma verdura de pomares e hortas, com tanques aqui e além, onde *espelhava* a água; brancuras de roupa a secar, casas caídas, **faiscavam** # Tot: 1 Nº: 1 Ref: L0508P0086X ao sol. (Eça)

... e uma lamina de adaga **faisca**, # Tot: 1 Nº: 1 Ref: L0119P0458X e cahe, e outra vez se erge, e *rebrilha*, e se abate, e ainda *refulge*, e ainda se embebe! ...

Como já assinalámos, a «intensidade» é um dos traços mais relevantes que distinguem os dois verbos. Em *faiscar* pode ser qualificada de constante, com tendência para ser extrema, conforme indica a sua presença ao lado de verbos como *rebrilhar* e *refulgir*, no último exemplo. O efeito de uma luz forte consegue-se também mediante a cor, na maioria das vezes, o branco:

Ali os tectos são baixos; as paredes caídas **faiscam** ao sol, com as suas gradezinhas devotas ... (PB 324)

Esta luz intensa opõe-se à luz relativamente baixa de *cintilar*, relacionada com as estrelas (\*as paredes caídas **cintilam** ao sol).

Finalmente, é relevante acrescentar que *faiscar* pode evocar um «efecto acústico»:

O vidro abriu-se ao meio com o fragor **faiscante** # Tot: 1 N°: 1 Ref: L0298P0265X de uma porta do Céu. (Eça)

Além disso, documenta-se também que pode estar intimamente relacionado com o calor:

Fora, o dia de Julho abrasava, **faiscava** # Tot: 2 N°: 1 Ref: L0346P0026X nas pedras dos passeios. Mas ali, naquele gabinete onde nunca dava o sol, assombreado pelos altos prédios fronteiros, havia uma frescura que as persianas verdes, corridas, envolviam numa penumbra repousada ... (Eça)

Para o resto dos traços que se podiam supor (marcas estilísticas, conotações) é necessário, provavelmente, analisar outros verbos que se situam nesta área (*chispar*, *centelhar*).

	<b>faiscar</b>	<b>cintilar</b>
<b>classema</b>		
«fonte de luz»		
preponderantemente 'luz natural'	x	x
preponderantemente 'luz artificial'	(x)	
«luz reflectida»	x	x
	(pedras preciosas)	
<b>dimensões</b>		
«movimento»		
aparição singular, efémera		
aparições repetidas, pouco duráveis	x	x
emissão contínua, com breves intermitências		
emissão contínua, sem interrupção		
«forma»		
compacta		
difusa		
extensão espacial	x	x
«intensidade»		
constante		
com a tendência a ser	x	
extrema	x	
elevada		x
relativamente baixa		
«percepção de cores»	(x)	
«efecto acústico»	(x)	
«emissão de calor»	x	
<b>estilema:</b> poético, popular, etc.		

## 8. OBSERVAÇÕES FINAIS

Embora seja preciso aprofundar e alargar o nosso estudo sob diferentes aspectos, parece-nos que os resultados confirmam a vitalidade e utilidade do método lexemático combinado com a análise de corpora textuais informatizados. Apesar do corpus ser limitado e de um mais amplo fornecer mais acepções e provavelmente estabelecer mais diferenças, este permitiu-nos descrever o conteúdo semântico de seis verbos «de luz», de uma maneira que nunca antes tinha sido apresentada pela lexicografia portuguesa. Vemos, pois, que não são simplesmente sinónimos nem na frequência, nem nas acepções reflectidas nas possibilidades de combinação semântica, nem apenas na combinatória sintáctica. Completa-se, desta forma, a intuição do falante nativo com os dados obtidos do corpus para formar um panorãma muito mais completo deste campo semântico. Agora podemos distinguir melhor os verbos entre si e conseguimos detectar as diferenças que existem, em comparação com o francês ou espanhol, por exemplo. No entanto, o uso da maioria dos verbos se sobrepôr com o dos verbos franceses, *faiscar* tem outro comportamento (v. «luz reflectida», «movimento»). Distinguem-se, também, o verbo português *luzir* e o espanhol *lucir*, por causa do comportamento sintáctico muito mais complexo deste último. Se já no núcleo do campo dos verbos «de luz» constatamos uma distribuição diferente dos traços semânticos, é previsível que estes aumentem entre os verbos que se situam nos limites do nosso campo.

## BIBLIOGRAFIA GERAL

- Coseriu 1986 COSERIU, Eugenio (1986): *Principios de semántica estructural*. Versión española de Marcos Martínez Hernández, revisada por el autor. 2ª edición, 1ª reimpressão. Madrid: Gredos.
- Dupuy-Engelhardt 1998 DUPUY-ENGELHARDT, Hiltraud (1998): Etude lexématique d'un champ lexical - dix ans après. WOTJAK, Gerd (coord.), *Teoría del campo y semántica léxica*. Frankfurt a.M.: Peter Lang, p. 1-28. (Studien zur romanistischen Sprachwissenschaft und interkulturellen Kommunikation, 1).
- Geckeler 1984 GECKELER, Horst (1984): *Semántica estructural y teoría del campo léxico*. Versión española de Marcos Martínez Hernández, revisada por el autor. 1ª edición, 1ª reimpressão. Madrid: Gredos.
- Lutzeier 1983 LUTZEIER, Peter R. (1983): «Wortfelder als Maßstab für Interpretationen am Beispiel des Feldes der Stimmungen im Deutschen». *Zeitschrift für Sprachwissenschaft*. Vol. 2 (1). Wien, p. 45-71.
- Lutzeier 1992 LUTZEIER, Peter Rolf (1992): «Wortfeldtheorie und Kognitive Linguistik». *Deutsche Sprache. Zeitschrift für Theorie, Praxis, Dokumentation*. Vol. 1. München, p. 62-81.
- Lutzeier 1993 LUTZEIER, Peter Rolf (1993): «Wortfelder als kognitive Orientierungspunkte?». LUTZEIER, Peter Rolf (ed.), *Studien zur Wortfeldtheorie. Studies in Lexical Field Theory*. Tübingen: Max Niemeyer, p. 203-214.
- Lyons 1991 LYONS, John (1991): *Lenguaje, significado y contexto*. Traducción de Santiago Alcoba. 1ª reimpressão. Barcelona; Buenos Aires; México: Ediciones Paidós.
- Nascimento / Gonçalves 1996 NASCIMENTO, Maria Fernanda Bacelar do / GONÇALVES, José Bettencourt (1996): «Corpus de Referência do Português Contemporâneo (CRPC) - Desenvol-

- vimento e Aplicações». NASCIMENTO, Maria Fernanda Bacelar do / RODRIGUES, Maria Celeste / GONÇALVES, José Bettencourt (org.), *Actas do XI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Lingüística*. Vol. I, *Corpora*. Lisboa: Colibri, p. 143-150.
- Rosch 1978 ROSCH, Eleanor (1978): «Principles of categorization». ROSCH, Eleanor / LLOYD, Barbara B. (ed.): *Cognition and Categorization*. Hillsdale (N.J.): Erlbaum, p. 27-48.
- Schindler 1993 SCHINDLER, Wolfgang (1993): «Phraseologismen und Wortfeldtheorie». LUTZEIER, Peter Rolf (ed.): *Studien zur Wortfeldtheorie. Studies in Lexical Field Theory*. Tübingen: Max Niemeyer, p. 87-106.
- Schwarze 1996 SCHWARZE, Christoph (1996): «La méthode des traits pertinents: une conception périmée?» BLUMENTHAL, Peter / ROVERE, Giovanni / SCHWARZE, Christoph (ed.): *Lexikalische Analyse romanischer Sprachen*. Tübingen: Max Niemeyer, p. 125-133.
- Schwarze 1985 SCHWARZE, Christoph (ed.) (1985): *Beiträge zu einem kontrastiven Wortfeldlexikon Deutsch-Französisch*. Tübingen: Gunter Narr.
- Schwarze / Wunderlich 1985 SCHWARZE, Christoph / WUNDERLICH, Dieter (eds) (1985): *Handbuch der Lexikologie*. Königstein/Ts.: Athenäum.

BIBLIOGRAFIA SOBRE O CAMPO SEMÂNTICO DOS «VERBOS DE LUZ»<sup>18</sup>

- Alsina / Brumme 2001 ALSINA, Victoria / BRUMME, Jenny (2001): «No es oro todo lo que reluce. Propuesta de análisis del campo semántico «despedir luz» en las lenguas románicas y en alemán». WOTJAK, Gerd (ed.): *Studien zum romanisch-deutschen und innerromanischen Sprachvergleich*. Akten der IV. Internationalen Arbeitstagung zum romanisch-deutschen und innerromanischen Sprachvergleich. Universität Leipzig, 7-9/10/1999. Frankfurt a.M.: Peter Lang, p. 571-590.
- Brumme 2002 BRUMME, Jenny (2002): «Lucir: aproximación a su uso aqueude y allende del Atlántico». KLARE, Johannes / STÖRL-STROYNY, Kerstin (ed.), *Die romanischen Sprachen in Lateinamerika. Festschrift für Hans-Dieter Paufler zum 65. Geburtstag*. Frankfurt a.M.: Peter Lang, p. 509-522.
- Brumme 2000a BRUMME, Jenny (2000a): «Las áreas laterales: el campo semántico de «despedir luz» en portugués y rumano». *IV Congreso de Lingüística General. Universidad de Cádiz, Cádiz, 2-6 de abril del 2000* (no prelo).
- Brumme 2000b BRUMME, Jenny (2000b): «O campo semântico dos 'verbos de luz' em português, comparado com o francês, espanhol e galego. Análise dos verbos centrais». *Léxico & Gramática, Universidade de Santiago de Compostela, 25-28/9/2000* (no prelo).
- Le Clerc 1996 LE CLERC, Claudia (1996): *Die verbale Erfassung von Lichteindrücken im Französischen. Eine Betrachtung aus lexematischer und prototypensemantischer Sicht*. Genève: Droz. (Kölner Romanistische Arbeiten, NF 76)
- Le Clerc 1998 LE CLERC, Claudia (1998): «Complémentarité des méthodes de sémantique structurale et de sémantique prototypique illustrée dans le champ lexical des verbes de lumière français». WOTJAK, Gerd (coord.), *Teoría del campo y semántica léxica*. Frankfurt a.M.: Peter Lang, p. 209-232. (Studien zur romanistischen Sprachwissenschaft und interkulturellen Kommunikation, 1).

18. O estudo foi concluído em Julho de 2000 quando ainda não tinha aparecido o «Dicionário de Língua Portuguesa Contemporânea» da Academia das Ciências de Lisboa, 2 vols., Lisboa: Verbo, 2001.

## DICIONÁRIOS

- Aurélio FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda (1975): *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 14.<sup>a</sup> impressão 1<sup>a</sup> edição. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- Bluteau BLUTEAU, Raphael (1712-1721): *Vocabulário Portuguez e Latino, (...)*. Pelo Padre D. Raphael Bluteau, clérigo regular, doutor na Sagrada Theologia, Prêgador da Raynha de Inglaterra, Henriqueta Maria da França, & Calificador no sagrado Tribunal da Inquisição de Lisboa. Vols. 1-4. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu 1712-1713. Vols. 5-8. Lisboa: Na Officina de Pascoal da Sylva 1716-1721.
- Cunha 1991 CUNHA, Antônio Geraldo da (1991): *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2<sup>a</sup> edição Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- DEA Seco, Manuel / Andrés, Olimpia / Ramos, Gabino (1999): *Diccionario del español actual*. 2 vols. Madrid: Aguilar.
- DLP COSTA, J. Almeida / SAMPAIO E MELO, A. s.a.: *Dicionário da língua portuguesa*. Com a contribuição de um grupo de colaborades especializados. 5<sup>a</sup> edição muito corrigida e aumentada. Porto: Porto Editora.
- DOLR VERNAY, Henri (1991-1996): *Dictionnaire onomasiologique des langues romanes*. 6. vols. Tübingen: Max Niemeyer.
- Figueiredo 1996 FIGUEIREDO, Cândido de (1996): *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*. Direcção de edição Rui Guedes. 25<sup>a</sup> edição. 4 vols., Lisboa: Bertrand Editora. (Venda Nova).
- GDLP SILVA, António de Moraes (1950-1956): *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*. 10<sup>a</sup> edição revista, corregida muito aumentada e actualizada. Segundo as regras do acordo ortográfico luso-brasileiro de 10 de agosto de 1945. Por Augusto Moreno, Cardoso Júnio e José Pedro Machado. Lisboa: Editorial Confluência.
- Lara 1996 LARA, Luis Fernando (dir.) (1996): *Diccionario del español usual en México*. México: El Colegio de México, Centro de Estudios Lingüísticos y Literarios.
- Machado MACHADO, José Pedro (1981-1989): *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*. Coordenação de José Pedro Machado. 13 vols. Algés: Euro-Formação, Sociedade de Língua Portuguesa. Porto-Editora <http://www.priberam.pt/dlpo>
- Santos 1997 SANTOS, A. Nogueira (1997): *Novo Dicionário de expressões idiomáticas*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- Silva 1988 SILVA, António de Moraes (1988): *Novo dicionário compacto da Língua Portuguesa*. 4<sup>a</sup> edição. 5 vols. Lisboa: Editorial Confluência.
- Vilela 1990 VILELA, Mário (1990): *Dicionário do português básico*. Porto: Edições ASA.
- PB EÇA DE QUEIROZ, José Maria (s.a.): *O primo Bazílio*. Episódio doméstico. De acordo com a segunda edição (1878) precedida de uma carta do Dr. José Maria d'Alameida de Teixeira de Queiroz a seu filho. Fixação do texto e notas de Helena Cidade Moura, Lisboa: Livros do Brasil.

## RESUMO

Este artigo descreve o campo semântico dos verbos de luz em português, que tem com base uma extensa lista de exemplos retirados do *Corpus de Referência do Português Contemporâneo*. A análise semântica concentra-se nos pares mínimos *brilhar - luzir*, *reluzir - resplandecer* e *faiscar - cintilar*, que segundo estudos anteriores sobre o mesmo campo nas línguas românicas, como o francês e o espanhol, representam supostamente o núcleo do campo semântico dos verbos de luz. O objectivo é ilustrar a validade do método lexemático (o qual também inclui aproximações cognitivas), descrevendo os traços distintivos dos verbos anteriormente mencionados. Os resultados podem ser usados na lexicografia monolíngue, embora tenham que ser comparados com descrições semelhantes noutras línguas, podendo também ser muito útil na lexicografia bilingue e na tradução.

**PALAVRAS CHAVE:** campo semântico, português, linguística de corpus, lexicografia, linguística contrastiva

## ABSTRACT

This article describes the lexical field of light verbs in Portuguese on the basis of a large number of examples attested in the *Corpus de Referência do Português Contemporâneo*. The semantic analysis focuses on the three minimal pairs *brilhar - luzir*, *reluzir - resplandecer* and *faiscar - cintilar* which in analogy to previous studies in the same field in Romance languages such as French and Spanish are supposed to represent the core of the lexical field of light verbs. The aim is to illustrate the validity of the lexematic method (which also integrates cognitive approaches) describing the distinctive features of the aforementioned verbs. The results can be used in monolingual lexicography, but comparison with similar descriptions in other languages, as well as bilingual lexicography and translation can benefit from them.

**KEY WORDS:** lexical field, Portuguese, corpus linguistics, lexicography, contrastive linguistics